

SÃO CLEMENTE ROMANO E SUA CARTA AOS CORÍNTIOS: ASPECTOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

José Joaquim Pereira Melo*

RESUMO: Clemente Romano é considerado o terceiro sucessor do apóstolo Pedro na Sé de Roma. Na época de Domiciano, quando ocorreu a segunda perseguição aos cristãos, São Clemente Romano ocupava a função episcopal em Roma. Segundo a tradição cristã, viu e ouviu os apóstolos, dos quais recebeu ensinamentos. Também segundo a tradição, ele seria a mesma pessoa mencionada na Carta aos Filipenses, na qual Paulo de Tarso os admoestava a estabelecer a concórdia naquela comunidade. Durante seu episcopado, por volta dos anos 95-96, Clemente Romano enviou uma carta à comunidade de Corinto, presa de conflitos e dissensões internas, exortando seus membros à fraternidade e à harmonia cristã. Nessa carta, com base nos referenciais mencionados, a argumentação central da mensagem pastoral de São Clemente girava em torno da importância do respeito à hierarquia da Igreja, que, fragilizada em Corinto, buscava sua consolidação. Ao oferecer um direcionamento para essa comunidade, São Clemente Romano produziu um dos primeiros documentos da cristandade, no qual ficaram registrados aspectos formativos do homem cristão. Interessante afirmar que, nele, pela primeira vez, aparece o conceito de *paidéia* cristã. Ou seja, ao incentivar o cristão a se identificar com o próprio Cristo ele mostra a fragante inspiração do conceito grego de *paideia*.

Palavras chave: Clemente Romano, *Carta aos coríntios*, Formação.

CLEMENT OF ROME AND HIS EPISTLE TO THE CORINTHIANS: A FEW ASPECTS OF THE CHRISTIAN EDUCATION

ABSTRACT: Clement of Rome is considered to be the third successor of St. Peter, the apostle, in the Roman See. In Domitian's times — that is when the second persecution to the Christians played out — Clement of Rome was a Bishop in Rome. According to Christian tradition, he saw and heard the apostles in person, of whom he received teachings. Yet according to Christian tradition, he could be the one cited in the *Epistle to the Philippians*, in which Paul of Tarsus admonished the Philippians to reestablish harmony in that community. During Clement of Rome's bishopric (95-96 A.C.), Clement sent an epistle to the Corinth community, for it was facing internal conflicts and disagreements; he exhorted them to seek for fraternity and Christian harmony. In his epistle, based on the aforementioned references, the point was to draw attention to the importance of the Church hierarchy, once it was waning in the Corinth Church that also sought its consolidation. By giving guidance to that community, Clement of Rome wrote one of the first documents of Christianity, which held formative aspects to the Christian Man. Thus it is interesting to affirm that, in this document, the concept of Christian *paideia* comes up. That is, because Clement of Rome incited the Christian Man to identify Himself with the very Christ, he expresses the patent inspiration in the Greek concept of *paideia*.

Key-words: Clement of Rome, Epistle to the Corinthians, Formation.

Considerações iniciais

São Clemente Romano (?-102) é uma das personagens mais conhecidas e respeitadas da Igreja Cristã primitiva. Tal fato, que é atribuído à sua suposta relação com São Pedro e os apóstolos, dos quais teria recebido diretamente os ensinamentos de

* Professor Doutor em História da Educação. DFE/PPE/UEM. Email: jjpmelo@hotmail.com

Cristo, foi destacado, com reverência, entre outros, pelo primeiro historiador da Igreja, Eusébio de Cesareia (265-369), que, em sua *História Eclesiástica*, relembrou seu papel no magistério pastoral como prosseguidor e fomentador do legado dos apóstolos e para a consolidação da doutrina da Igreja de Cristo.

Impossível enumerar nominalmente todos os que então, desde a primeira sucessão dos Apóstolos, tornam-se pastores ou evangelistas nas Igrejas pelo mundo. Nominalmente confiamos a um escrito apenas a lembrança daqueles cujas obras ainda agora representam a tradição da doutrina apostólica [...] Entre eles, sem dúvida, está Inácio, cujas cartas assinalamos, e Clemente, pela carta, por todos recebida, que ele endereçou em nome da Igreja de Roma à Igreja de Corinto (*História Eclesiástica*, III, 37,4-38,1).

Embora se tenha suposto sua nobre procedência, as notícias de sua origem carecem de valor histórico, pois, desde sua época, pouco a pouco foi sendo construída toda uma literatura imaginária sobre São Clemente Romano. No século II, a tradição cristã já tinha estabelecido uma forte relação com essa personagem. No século III, circulava uma espécie de romance, supostamente autobiográfico, de origem judaico-cristã e antipaulina, em que São Clemente Romano mencionava suas origens cristãs e relatava sua conversão ao cristianismo e as viagens que fez ao Oriente no séquito de São Pedro, empenhado nas disputas com Simão, o Mago. Dessa obra, restam-nos duas versões, datadas do século IV: as chamadas *Pseudoclementinas* (MORESCHINI; NORELLI, 1996), que são consideradas apócrifas.

Em *Recognitiones* — *Reconhecimento*, o autor procura relacionar acontecimentos de sua vida particular com acontecimentos de personagens ilustres da tradição cristã. Dessa forma, o autor busca uma interação com o leitor a partir de uma dupla situação: sua crise existencial e a procura por suas origens, problemas do cotidiano e crises comuns à sua época (LEITE; REIS, 2011), o que contribuiu para fomentar mitos em torno de si. O único texto considerado autenticamente clementino é o conhecido como *Primeira carta aos coríntios*¹: embora seu nome não seja

¹“O acesso ao texto da carta clementina foi possibilitado pelo *Codex Alexandrinus*: manuscrito da Bíblia grega, presente do patriarca Cirilo Lucaris ao rei Carlos I da Inglaterra em 1628. O códice contém a totalidade dos livros do Antigo e do Novo Testamentos, ainda com algumas mutilações, pelo que algumas palavras ou passagens são ilegíveis. Além disso, lhe falta uma folha, que corresponde aos capítulos LVII, 6 e LXIV,1. O *hierosolymitanus*: o descobrimento desse manuscrito permitiu suprir as lacunas do alexandrinus. A versão latina foi publicada em 1894. Encontrada em um manuscrito do século XI pertencente à biblioteca do Seminário de Namur na Bélgica. Entretanto, a versão latina, testemunhada pelo manuscrito, é de uma data muito primitiva. Para alguns autores, por volta de meados do século II. A versão siríaca se acha num manuscrito do Novo Testamento, copiado no ano de 1170. Das versões coptas, em copto, encontram-se duas versões. Em 1908, foi publicada a versão copta, em dialeto akhimiko, contida em um manuscrito do século IV, e a Staatsbibliothek de Berlim, procedente do Mosteiro Blanco

mencionado nesse texto, desde a Antiguidade não se coloca dúvida quanto à sua autoria.

Entre as lendas sobre sua vida, existe aquela que, inclusive, estabelece relações de parentesco entre ele e a família imperial Flávia, identificando-o com o cônsul Tito Flavio Clemente, primo do imperador Domiciano (51-96). Este teria sido executado, sob a acusação de se ter convertido a práticas cristãs (ALTANER; STUIBER, 1988), contrapondo-se às novas orientações que o imperador havia dado à religião em Roma.

Em suas informações sobre o imperador Domiciano, Suetônio faz as seguintes considerações sobre o referido episódio: “Por fim, por levíssima suspeita, mandou matar Domiciano a Tito Flávio Clemente, seu primo irmão [...]” (*La vida de los doce cesares*, XV), deliberação que, segundo o mesmo Suetônio, promoveu mais rapidamente sua derrocada.

Outra especulação em torno das origens clementinas é que ele teria sido um liberto ou filho de um liberto pertencente à família Flávia, o cônsul Clemente, que, tendo se convertido ao cristianismo (AYÁN CALVO, 1994), passou a dedicar a sua vida à nova fé, abraçando-a de tal maneira que chegou a ponto de, como já mencionado, sacrificar a própria vida.

Em sua *Carta aos coríntios*, a preocupação de São Clemente Romano foi destacar a importância da organização eclesiástica e, de maneira sutil, a autoridade da Igreja de Roma. A carta ainda não prova que Roma se atribuísse a autoridade de se ingerir nos negócios de outras Igrejas; ao contrário, a linguagem e a abrangência da argumentação mostram justamente que Roma não podia reivindicar nenhum direito. De qualquer maneira, o texto é, sem dúvida, um documento da vontade e da capacidade da comunidade romana de intervir nas outras Igrejas para criar ou conservar nelas condições correspondentes aos próprios interesses (MORESCHINI; NORELLI, 1996). Esse texto traz consigo sabedoria, equilíbrio e moderação, marcas expressivas de um cristianismo que pretendia ser essencialmente humano e que exercitava o acolhimento como prática natural (ROPS, 1998), do homem que se considerava renovado pela Boa-Nova anunciada por Cristo e que, então, era proclamada pela Igreja.

Quanto à sua morte, as notícias disponíveis não têm um caráter histórico confiável, já que estão presas à tradição. Dentre os escritos, foram preservadas algumas atas que narram seu martírio. No entanto, a investigação histórica as data como textos

de Shenute. Nele há uma lacuna que vai da XXXV,5 a XLII, 2. A outra versão é fragmentária, chegando até o capítulo XXVI escrita em um papiro, que se encontra na universidade de Estraburgo, datado entre os séculos V e VII” (AYÁN CALVO, 1994, p.57-58).

do século IV em diante e, por isso, seus conteúdos são tidos como legendários. O que se guarda com alguma certeza é que ele deve ter morrido poucos anos depois de ter escrito sua *Carta aos coríntios* (AYÁN CALVO, 1994). Assim, seu exílio em Quersoneso Taurino e seu martírio no Mar Negro seriam lendas providas do século IV (ALTANER; STUIBER, 1988), as quais, ao ganhar eco no tempo, satisfizeram a tradição e o imaginário cristãos.

Filiação apostólica

Ao contrário da incerteza quanto às suas origens, maior segurança cerca a notícia da relação que manteve com os apóstolos Paulo de Tarso (5-67) e Pedro (1 a.C.-67 d.C.). Ao se considerar essa possibilidade, é necessário ter em conta que ela é respaldada pela fé, ao contrário da polêmica a respeito de suas origens, na qual se especula sobre seu trânsito pelas esferas da aristocracia romana e sobre a possibilidade de seu nome estar relacionado ao de uma das famílias mais importantes do seu tempo.

A ideia de que teria sido companheiro de Paulo de Tarso e colaborado para a fundação da Igreja de Filipos, ao que parece, teve início com Orígenes (185-253), que, referenciando-se no próprio Paulo de Tarso em sua *Carta ao filipenses* (RUIZ BUENO, 2002), fez breve referência ao mestre em apreço: “Juntamente com Clemente e os demais colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida” (4,3). A tradição iniciada por Orígenes encontrou continuidade em Eusébio de Cesareia, que, também recorrendo à *Carta aos filipenses*, afirmava que o Apóstolo teria informado que Clemente “havia sido colaborador seu”, nos referidos termos: “Em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida” (*História Eclesiástica*, III, 15). Também São Jerônimo, em *De viris Illustribus*, fundamentando-se em Eusébio de Cesareia e, inclusive, evocando a mesma referência paulina, escreveu: “[...] Clemente, de quem o apóstolo Paulo, escrevendo aos filipenses, diz: “[...] com Clemente e os demais colaboradores meus, cujos nomes estão escritos no livro da vida” (*De viris Illustribus*, XV).

Apesar da clara afirmação de Eusébio de Cesareia e de São Jerônimo sobre as relações entre São Clemente Romano e Paulo de Tarso, inclusive sobre sua colaboração com o Apóstolo, alguns estudos modernos desconsideram a probabilidade dessa aproximação, alegando que os referenciais informativos a respeito do tema seriam estritamente os da tradição. Não obstante, poucas dúvidas pairam a respeito da obra apostólica por ele realizada nos dias sangrentos da perseguição aos cristãos montada em

64 por Nero (37-68). A fim de se isentar da culpa pelo incêndio que reduziu grande parte de Roma a cinzas, este teria encontrado nos cristãos o alvo para incitar a fúria popular. Para a tradição cristã, entre as anônimas vítimas do sacrifício ordenado por Nero estava São Pedro, o apóstolo líder da Igreja em Roma, assim como Paulo de Tarso, o “Apóstolo dos gentios”.

Em 95, anos depois da perseguição desencadeada por Nero, foi a vez de Domiciano instaurar uma nova perseguição aos cristãos. Nessa época, segundo a tradição, São Clemente Romano estava na liderança da Igreja romana como o sucessor de São Pedro, (RUIZ BUENO, 2002). Essa informação de que ele estava entre os primeiros na linha sucessória dos apóstolos já aparecia em Eusébio de Cesareia: “No décimo segundo ano do mesmo império, Anacleto, que foi bispo da Igreja de Roma durante doze anos, foi substituído por Clemente, que o Apóstolo, na carta aos filipenses, informa ter sido seu colaborador” (*História Eclesiástica*, III,15).

Alinham-se a esse primeiro historiador da Igreja nomes também respeitados, como Santo Irineu de Lião (130-202 d.C.), que elencou, em lista episcopal de Roma, depois dos apóstolos, Lino (10-76), Anacleto (25-88) e Clemente, além de destacar a importância de seus ensinamentos para a Igreja Cristã primitiva (MORESCHINI; NORELLI, 1996). Tais referências ganham expressão em páginas do seu *Adversus haereses*:

[...] os apóstolos, então, tendo fundado e construído a Igreja, passaram o comando do episcopado a Lino[...] Seu sucessor foi Anacleto, e, após este, no terceiro lugar desde os apóstolos, Clemente foi sagrado bispo. Esse, por ter visto os abençoados apóstolos, além de ter mantido com eles contato, preservou em seus ouvidos os ecos daquilo que propagavam os apóstolos, assim como suas tradições [...] No tempo de Clemente, havendo uma dissensão na comunidade de Corinto, a Igreja de Roma despachou uma carta poderosa aos irmãos daquela Igreja, exortando-os a paz, a renovação da fé deles e declarando a tradição que essa comunidade recebera recentemente dos apóstolos [...] Clemente foi substituído por Evaristo, que foi sucedido por Alexandre; depois, o sexto desde os apóstolos, Sixto; depois dele, Telephorus, gloriosamente martirizado. Após ele, Higino, Pio em seguida, e, então, Aniceto. Soter veio depois, sendo sucedido por Eleutério no vigésimo lugar desde os apóstolos, herdando o legado do episcopado. Nessa ordem e por esse sistema sucessório, a tradição eclesiástica dos apóstolos e a disseminação da Verdade têm chegado a nós. E isso nos serve como prova abundante de que existe uma e vivificante fé, que tem sido preservada pela Igreja desde os apóstolos até hoje (*Adversus haereses*, III,3).

Ao encontro dessas informações têm-se as prestadas por Hermas em *O Pastor de*

Hermas, escrito sobre o pontificado do seu irmão Pio I (141-155), ele fez menção, em sua segunda visão, ao nome de São Clemente Romano, sugerindo que ele tinha liderança sobre as demais igrejas, como pastor, guia e bispo de Roma na sucessão apostólica: “Farás duas cópias do livrinho e as mandarás, uma a Clemente e outra a Grapta. Clemente, por sua vez, mandará a cópia às outras cidades, porque essa missão é dele” (*El Pastor Hermas*, Vis. II, 8). São Jerônimo, em *Adversus Iovinianum*, oferece a seguinte informação: “Clemente, sucessor de Pedro Apóstolo, e de quem Paulo o Apóstolo fez menção, em quase todo o seu discurso exortou sobre a pureza da virgindade” (*Adversus Iovinianum*, VII). Nessa discussão, credibilidade tem Santo Irineu por sua procedência romana: ele também o apresenta como o terceiro na sucessão de São Pedro. A ordem teria sido: Pedro, Lino (10 a 76 d.C.), Anacleto (25 a 88 d.C.) e Clemente.

Entre as informações sobre a linha sucessória do primado romano, há aquelas que são ou não procedentes, a exemplo das originárias das novelas clementinas, segundo as quais, direta ou indiretamente, ele teria sido o sucessor imediato de São Pedro. Destaque também merecem as *Constituições Apostólicas* (VII, 46), de 375-380), de autoria anônima, o *Catálogo Liberiano*, de 345, e as cartas de Santo Agostinho (*Epistola* 53,2); segundo os quais, a linha sucessória estaria disposta da forma seguinte: Pedro, Lino e Clemente. Cumpre considerar também, nessa discussão, composições que se aproximam da fantasia. De um lado, ele teria sido o sucessor de São Pedro como apóstolo e Lino e Anacleto como bispos; de outro, Lino teria sido sagrado bispo por São Paulo e Clemente, por São Pedro.

Reforçando essa imprecisão de informações a respeito da linha sucessória, temos São Epifânio (310/320-403), para quem São Clemente Romano, já sagrado bispo de Roma, teria abdicado à cátedra pedrina em favor de Lino, em nome da paz e da harmonia da comunidade cristã romana, somente retomando-a após a morte deste (RUIZ BUENO, 2002). Outra versão seria a de Tertuliano, segundo a qual, sua sagração a bispo de Roma teria ocorrido pelas mãos do próprio apóstolo Pedro, mas ele teria renunciado ao primado em favor de Lino, retomando o trono apostólico com a morte de Anacleto (FRANGIOTTI, 1995). Esse exercício de humildade, consagrado pela tradição, pode ter respaldado a autoridade clementina para chamar a comunidade cristã de Corinto à paz, à harmonia, à concórdia e à união, indagando: “Quem é dentro vós generoso? Quem tem compaixão? Quem é cheio de caridade? Pois esse tal diga: ‘se por mim é essa cisão e contenda, eu me retiro e irei onde queirais que me vá. Estou disposto

a fazer o que me manda a comunidade. Somente quero que o rebanho de Cristo permaneça em paz com seus anciãos constituídos” (*Carta a los coríntios*, LIV, 1-2).

A cisão da comunidade cristã em Corinto e a finalidade unificadora da Carta

Foi durante a perseguição montada por Domiciano no ano de 95 que chegaram a Roma as notícias dos incidentes que levaram à cisão da comunidade cristã em Corinto. Esse movimento, provavelmente, foi liderado por jovens que provocaram a deposição de beneméritos anciãos (presbíteros), embora estes não tivessem sido acusados de nenhuma culpa em particular. Embora as causas dessa deposição não sejam claras, há referência constante à inveja e ao ciúme por parte de um suposto pequeno grupo de indivíduos (MORESCHINI; NORELLI, 1996).

Esses acontecimentos levaram a uma ação por parte da Igreja de Roma. A conhecida *Carta a los coríntios* foi enviada por seu bispo Clemente, porquanto essa Igreja desfrutava de maior reconhecimento e autoridade diante das demais. Nela Clemente exortava os cristãos de Corinto à paz, virtude cara ao cristianismo. A autoridade clementina, expressa em sua carta, foi reconhecida pelo bispo de Corinto, Dionísio (?-171), o que pode indicar que não se tratava de um ato de prepotência por parte da Igreja de Roma, mas sim, de cumprir um dever, já que ela começava a assumir a condição de orientadora e guia junto às demais igrejas. Sabe-se que, nesse tempo, ao que parece, essa unidade ainda estava no plano do ideal, pois, oficialmente, as igrejas eram células particulares, autônomas, que preservavam suas identidades, especificidades e decisões internas.

Assim, a carta clementina não se caracteriza apenas como um testemunho de amor fraterno e de caridade cristã, não podendo ser interpretada como uma expressão de indignação ou ainda como uma interferência sua nos assuntos da Igreja de Corinto. Nela se expressa toda uma concepção de Igreja, una em sua totalidade, o que se contrapunha ao que acontecia em Corinto (JAEGER, 1998), dividida por interesses de ordem pessoal, contrários ao que exortava a prática da convivência cristã.

Nesse sentido, São Clemente Romano entendia que a Igreja, a assembleia dos cristãos, o povo escolhido por Deus e justificado por Cristo, constituía-se no novo Israel. Por isso teria escrito: “Que conheçam todos os povos que Tu és o único Deus, que Jesus Cristo é Teu servo e que nós somos Teu Povo e ovelhas do Teu rebanho (*Carta a los coríntios*, LIX,4). Já na introdução da carta aparecem alusões eclesiológicas, conforme se pode verificar em suas primeiras linhas: “À Igreja de Deus

que peregrina em Roma e à Igreja de Deus que peregrina em Corinto, aos que têm sido chamados e santificados pela Vontade de Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. Nesse modo de se expressar, ele apresenta sua idéia quanto ao caráter universal da Igreja, sua formação em comunidades locais, sua condição de peregrina e suas origens alicerçadas, segundo ele, em um chamado de Deus (AYÁN CALVO, 1994). Assim, considerava necessário que os cristãos se conscientizassem quanto à origem divina da sua Igreja.

Apesar de longo, o texto tem as características de uma verdadeira carta (de uma Igreja, não de um indivíduo, embora a personalidade do redator fique bem clara): nela aparecem as motivações circunstanciais concretas, com prescrito e comunicações finais segundo as normas do estilo epistolar. O documento pode ser entendido como *enteuxis*, que, na linguagem jurídica, designava uma petição dirigida ao rei, enquanto fonte do direito, para que ele formulasse juízo sobre uma causa. Admitindo-se esse uso, consabidamente técnico, pode-se ver na carta um convite para que a própria comunidade se fizesse juiz da “revolta” no interesse da “paz” (MORESCHINI; NORELLI, 1996), o que deveria particularizar uma comunidade cristã e, assim, tornar-se exemplo para as comunidades irmãs e para o mundo chamado “pagão”.

Quanto à produção dessa carta, considerada um dos primeiros documentos cristãos, há um desencontro sobre sua datação, embora haja certa unanimidade de que ela foi escrita entre os anos 95/96. Segundo a primeira hipótese, com a morte de Domiciano em 96, encerrara-se a perseguição desencadeada por ele contra os cristãos. Com a paz, a Igreja de Roma, novamente estabilizada e reforçada pelas experiências vividas durante esse período, poderia assumir, por meio do seu bispo Clemente, a responsabilidade de orientar os membros da comunidade cristã de Corinto, cindidos pela discórdia. A outra hipótese é de que as atribulações causadas pela perseguição domiciana teriam impedido uma ação imediata da Igreja Romana nos assuntos internos da comunidade de Corinto. Assim, a carta teria sido escrita durante uma pausa da referida perseguição ou logo após a ela, na última fase do reinado de Domiciano ou no início do reinado de Nerva (30-98 d.C.), entre os anos 95 e 96 (RUIZ BUENO, 2002). Isto poderia explicar, até certo ponto, as desculpas que o autor teria apresentado para justificar a reposta tardia (ROPS, 1988) da Igreja de Roma aos problemas vivenciados pela comunidade cristã de Corinto.

A causa das repentinas e sucessivas calamidades e tribulações que nos vem sobrevivendo, creiamos, Irmãos, que temos atendido algo tarde dos assuntos discutidos entre vocês. Nos referimos, caríssimos, à

execrável e ímpia cisão, estranha e distante dos eleitos de Deus, aquela que umas poucas pessoas, temerárias e arrogantes, tem estendido até o ponto da insensatez, que vosso nome, venerável e celebrado e digno de ser amado por todos os homens, tem sofrido grave menoscabo (*Carta a los coríntios*, I,1).

Escrita em grego, a carta foi dividida em 65 capítulos, com uma parte introdutória de caráter breve, seguida por duas extensas. A primeira parte, que se inicia no capítulo quatro e vai até o 36, contém considerações gerais, exortações de cunho moral, tendo em vista a promoção da paz e da harmonia naquela comunidade.

Em seu magistério pastoral, Clemente alertava os irmãos de Corinto para os malefícios da inveja e para a necessidade da penitência como meio de se reconciliar com Deus. Pontuava a necessidade da vivência das verdadeiras virtudes cristãs, a exemplo da obediência, da fé, da piedade, da hospitalidade e da humildade. Inspirado na ordem do universo, afirmava que o ideal de harmonia e paz (FRANGIOTTI, 1995) era expressão da vontade e da realização divina.

A ordem e a harmonia presentes na criação constituíam um tema de apreço para São Clemente Romano, pois ofereciam um exemplo legítimo para exortar os coríntios a voltar à concórdia e à paz, trazendo-as para dentro da sua comunidade. Por esse motivo, ele procurava convencer os demais de que Deus era o Senhor de todo o universo, o qual teria sido criado com ordem. Com a grandeza de sua palavra, ele o criara e, com uma palavra, poderia destruí-lo (AYÁN CALVO, 1994). Dessa maneira, mostrava a plenitude de Deus, a excelência da sua vontade na criação e, no caso, até mesmo na destruição do mundo.

Os capítulos de número 37 a 61, que compõem a segunda parte, contêm uma peroração sobre a importância do respeito e da subordinação à hierarquia legitimamente constituída na Igreja. Para São Clemente Romano, os cristãos formariam um corpo em Cristo, razão pela qual havia a necessidade da preservação, da união e da unidade. Em sua parte conclusiva, capítulos 62 a 65, ele reiterou seus votos em favor da restauração da paz, da ordem e da união e do respeito entre os irmãos (FRANGIOTTI, 1995). Por sentimentos não comprometidos com os ensinamentos do Cristo libertador e dos seus representantes em seu meio, eles haviam chegado à situação de cisão, desordem e instabilidade. Em grandes linhas, entre os expedientes que ele usava para mostrar a efetividade de seus ensinamentos, no sentido de pôr termo às intrigas promotoras da cisão daquela comunidade, São Clemente fez desfilar ante os olhares dos coríntios personagens, para ele, santificadas do Antigo Testamento.

A prostituta Raabe de Jericó, descrita no livro de *Josué* (2,3-14), era apresentada por ele como uma profetisa que hospedou e orientou guerreiros de Israel com tecido vermelho posto em sua janela, cor que teria tomado como símbolo do sangue de Cristo (*Carta a los coríntios*, XII). Apresentou também grandes homens que aparecem nesse texto sagrado como arautos do advento de Cristo (*Carta a los coríntios*, XVII). Em sua argumentação, lançou mão do livro de *Jó* e, principalmente, do profeta Isaías, do qual transcreveu passagens inteiras (*Cartas aos coríntios*, XVI) para exortar os coríntios a praticar a humildade e a restabelecer a harmonia, a paz e a ordem entre eles (RUIZ BUENO, 2002), condição indispensável para a frutificação da messe cristã.

Apesar de apresentar todos esses exemplos de santidade como modelos a ser seguidos, fica profundamente marcado em seus escritos que o modelo formativo por excelência era Jesus Cristo “[...] sendo cetro da grandeza de Deus, não veio com estrondo de arrogância e soberba, por mais que tivesse poder para isso, mas com sentimentos de humildade, tal como o Espírito Santo havia falado sobre ele” (*Carta a los coríntios*, XVI, 2). É certo que a carta clementina não poderia ser considerada um escrito teológico sistemático, já que seu autor não se propusera a fazer uma exposição profunda do pensamento teológico que, em fins do século I, estava em desenvolvimento em Roma. Vale enfatizar que sua preocupação e objetivo eram o enfrentamento da revolta instaurada na comunidade de Corinto. Contudo não se pode negar que, ao longo de sua exortação, ele deixa explícita a teologia que pulsava na comunidade de Roma (AYÁN CALVO, 1994). Nessa cidade, que detinha o status de centro do império, por extensão, já se esboçava o centro do cristianismo.

Enfim, o documento revela que São Clemente Romano já estava no exercício pleno do seu magistério pastoral, agindo como defensor não apenas da paz e da harmonia no seio da Igreja, mas principalmente da sua união. Essa é a direção apontada pela carta clementina: a construção e/ou consolidação de uma unidade da Igreja cristã, não apenas no aspecto ideal, fundado na pessoa e na doutrina de Cristo, mas também no da unidade mantida pela hierarquia, que, segundo o autor defendia, fora fundada pelos apóstolos.

A importância desse texto pode ser aquilatada pelos dizeres de Santo Irineu, que, quase um século depois dos acontecimentos que dividiram os cristãos em Corinto e da ação da Igreja romana por meio da carta que o então seu bispo Clemente, registrou que ainda por volta dos anos 177-178 seus ensinamentos ecoavam vibrantes/pulsantes entre os cristãos daquela comunidade (RUIZ BUENO, 2002). Ademais, ele não desfrutou

esse prestígio apenas entre coríntios: durante a Antiguidade, a carta foi admirada e utilizada como referencial equivalente aos textos sagrados (FOLCH GOMES, 1973), circulando notícias de que era lida em cerimoniais nas assembleias dominicais.

Suas fontes: a *sabedoria* salomônica e a cultura clássica

Mesmo que não se tenha em conta a origem judaica de São Clemente Romano, presume-se que sua formação foi fundada no Antigo Testamento, conforme sugerem as recorrentes citações que ele fez sobre os textos sagrados como forma de exemplificar suas exortações à comunidade de Corinto.

Dentre os vários livros do Antigo Testamento por ele referenciados merece destaque o *Livro da Sabedoria* de Salomão, utilizado para compor suas mensagens de fé, humildade e submissão: “Sente de Deus a bondade, e com sensatez de coração, busca-O” (Sab I,6). Com bases em recorrentes citações salomônicas, ele procurava convencer os coríntios a exercer a sabedoria que provém do amor, incentivando-os a romper com a discórdia, a aceitar que a autoridade e o poder provêm de Deus (Sab 6,3). Assim, apresentava a sabedoria em relação a ela mesma, em relação aos homens e em relação à comunidade.

Cumpram também considerar que o *Livro da Sabedoria* levou-o à contemplação da natureza. Esta, em sua ótica, era o caminho para se chegar a Deus, sendo também tema de seus arroubos de louvor. Com a finalidade de aplacar a vaidade e a rebeldia dos coríntios, buscou inspiração e argumentação no ordenamento da natureza, de forma a mostrar que, na Igreja, particularmente a peregrina em Corinto, fazia-se imprescindível a retomada da ordem e da união entre os irmãos, inclusive para dar às demais comunidades irmãs bons exemplos de vivência cristã.

Para São Clemente Romano, a ordem cósmica, expressão da vontade divina, era o modelo de organização e de harmonia a ser seguido na vida em sociedade. Destarte, nele, a referência contemplativa à ordem da natureza assumiu um caráter, acima de tudo, religioso. Em seus falares, como sempre, a religião encontrava na plenitude da fé, no amor fraternal e na caridade cristã a glorificação do Cristo Salvador (RUIZ BUENO, 2002). Amor doador e libertador, pelo sangue do sacrifício na cruz, Cristo abriu um novo tempo para o homem: o tempo da santificação, a que ele conclamava os coríntios.

Ademais, São Clemente Romano não estava respaldado apenas por sua formação hebraico-cristã, mas também pelos ensinamentos da cultura clássica, possíveis de identificar em sua escritura e em sua forma de argumentar. Em sua prática de

convencimento dos coríntios, com desenvoltura, ele lançava mão de tais referências.

Na realidade, porém, conforme se pode depreender de todo o desenrolar do seu pensamento e do método de demonstração que ele utilizou em sua carta, é o trânsito pela retórica e pelo estilo grego que mais se destaca. Provavelmente, o objetivo clementino era mostrar aos coríntios - preocupados e orgulhosos de sua arte retórica - que ele, um homem romano, embora de espírito prático e objetivo, também sabia manejar os recursos artificiosos da palavra, tão prezados pelo homem grego.

Vale lembrar que, embora aproximadamente quarenta anos tenham separado as datas de produção das cartas de Paulo de Tarso e de São Clemente Romano, ambos tiveram preocupações similares diante da agitação de circunstâncias internas desagregadoras. Seus ensinamentos, no entanto, continham aspectos significativamente distintos.

Paulo de Tarso dirigiu-se aos coríntios em moldes judaicos. Ao marcar sua origem hebraica e portar-se como filho de hebreus, de certa forma, ele fez um desafio aos gregos, que admiravam a arte da palavra e se encantavam com a argumentação de retóricos e sofistas. Ele apresentava-se aos coríntios como emissário da Boa-Nova não por meio dos artifícios da palavra e da ciência humana, mas, sim, segundo ele, guiado pela sabedoria do Espírito e da Verdade divina.

São Clemente Romano, por sua vez, mesmo que ainda escrevesse sob os influxos dos ensinamentos paulinos e também se definisse como porta-voz da vontade divina, não negou a arte de escrever, argumentar e persuadir de acordo com as técnicas e métodos desenvolvidos pelo homem do mundo clássico, os quais, como se pode perceber, tiveram papel significativo em sua formação.

Tais abertura e cordialidade quanto ao modelo de expressão da cultura clássica complementam-se com o conhecimento e o acolhimento de outras manifestações gregas, com empréstimos e extratos da literatura trágica de Eurípides e Sófocles e também da mitologia. Essa herança aparece, por exemplo, em sua maneira de qualificar mártires cristãs, que chamava de Danaides e Dirces (*Carta a los coríntios*, VI). Da mesma forma, propunha aos cristãos de Corinto que admirassem e seguissem os modelos de devoção heróica oferecidos pelas figuras admiráveis do mundo clássico (RUIZ BUENO, 2002). Esses exemplos, mesmo totalmente diferenciados e distanciados da proposta cristã, mereciam ser considerados e respeitados como modelos de vida virtuosa em favor dos seus, por terem adotado posturas exemplares em suas próprias vidas.

Mas citemos também exemplos dos pagãos. Muitos reis e príncipes, em ocasião de alguma peste desencadeada, se entregaram, por virtude de um oráculo, à morte, a fim de livrar por meio de seu sangue seus cidadãos. Muito outros saíram de suas cidades para por fim a cisões. Sabemos que entre nós muitos se entregaram a cadeias a fim de resgatar os demais. Muitos se venderam por escravos para com seu preço alimentar outros (*Carta a los coríntios*, LV, 1-2).

O autor apresenta-se assim plenamente à vontade para discutir questões cristãs com base na cultura clássica, utilizando os grandes exemplos de dedicação ao bem comum por parte daqueles que os cristãos consideravam “pagãos” (LIÉBAERT, 2004). De seu ponto de vista, eles eram exemplos de virtude, devendo ser seguidos por qualquer cristão de boa vontade e comprometido com a causa do cristianismo.

Na proposta formativa desenvolvida por São Clemente Romano, embora ele tenha dado destaque a exemplos virtuosos de outros homens, independentemente de estes serem cristãos ou pagãos, o verdadeiro modelo a ser seguido era Cristo. Para ele, na busca de Cristo como modelo, a casa deveria ser o espaço privilegiado; por isso, era incisivo em demonstrar aos coríntios que, segundo os ensinamentos paulinos, a educação a ser ministrada aos filhos deveria ser “em Cristo” (*Carta a los coríntios*, XXI, 8), como “em Cristo” tinha de ser a piedade, a obediência e a humildade dos coríntios. Em seu entendimento, a rebeldia dos jovens dessa comunidade tinha como origem o fato de os filhos não terem sido educados “em Cristo”.

Em termos de concepção educacional, também fica clara a identificação de São Clemente Romano com a cultura clássica, especialmente quando ele menciona a necessidade da efetivação de uma *paideia* cristã — *Christó paideia*. Neste caso, é frágante a inspiração do conceito grego de *Paideia*.

Desse modo, o conceito apareceu pela primeira vez, entre os cristãos, nessa carta de São Clemente Romano (PEREIRA MELO, 2001). Ao afirmar a necessidade de que “[...] participem nossos filhos de educação em Cristo” (*Carta a los coríntios*, XXI,8), ele pôs em tela a “*Christó paideia*”.

No capítulo L, particularmente, fundamentado no Antigo Testamento, ele utiliza o conceito *paideia* com o sentido restrito da palavra hebraica, que significava “castigo”; todavia, num segundo momento, no capítulo LXII, 3, especificamente, ele utiliza a expressão *paideia* como equivalente ao conjunto das *Logias* consagradas pela tradição escrita, conjunto que, por sua vez, equivale ao sentido grego do vocábulo.

De fato, por influência da *paidéia* grega, ainda vigente e aceita, passava-se a elaborar um novo conceito de *paideia*, então com a identidade cristã. Esse processo teve seu início com o grupo de escritos paulinos, como as epístolas aos *Efésios* (VI,4) aos *Hebreus* (XII,5), a *II Timóteo* (III,14-16), e com a carta de São Clemente Romano aos coríntios. É preciso considerar que, nesse momento, o conceito de *paideia* já não marcava relação com o mundo da época, que chamavam de “pagão”, pois ficava clara para os cristãos, pelo que acreditavam, a possibilidade de contribuírem para a elaboração de um verdadeiro conteúdo de *paideia*. Desse modo, iniciou-se uma nova fase do conceito, outrora tão prezado pelos gregos (JAEGER, 1998): ele passava a tomar um direcionamento oposto àquele consagrado pelos séculos na formação do homem helênico - ou seja, a *paideia cristã*.

Houve um avanço na exortação clementina diante da dissidência interna coríntia. Como, em sua perspectiva, as atitudes dos coríntios não eram compatíveis com o comportamento “em Cristo”, com a disciplina “em Cristo”, ele lançou mão de outro conceito grego —*Christó agogé*—, ou seja, uma disciplina ou guia cristã, cuja finalidade era determinar uma conduta desejável, ideal e própria do cristão, orientada para o cumprimento dos mandamentos “em Cristo” (*Carta a los coríntios*, XLIX, 1). Com isso, a preocupação foi mostrar aos coríntios que eles precisavam retomar um comportamento “em Cristo” e conhecer e vivenciar um *ágape* cristão, uma disciplina “em Cristo”.

O conteúdo *agogé* utilizado por São Clemente Romano remete a um antigo termo técnico grego, cujo sentido referia-se à parte fundamental de uma boa educação, ou seja, à disciplina e ao autocontrole dos espartanos. Na elaboração clementina, foi adicionado um direcionamento para o bem comum, para o interesse coletivo, em lugar da valorização da busca individual para satisfazer interesses próprios (JAEGER, 1998), tão comum naquela sociedade, carente de valores precípuos para o desenvolvimento de um bom processo formativo.

Nessa orientação, fica explícita a amplitude do espírito e do modo de pensar clementino. Ele não tinha restrições/limites diante a Natureza, que professava ser obra de Deus; tampouco recuava diante da especulação e da arte humanas, que considerava formas disponíveis para que homem se encontrasse e se aproximasse de Deus. Foi com respaldo na sabedoria divina e na ciência humana que se fundamentou para falar com os cristãos de Corinto, os quais se encontravam em dissidência interna. A finalidade era convencê-los de que o Pai exigente e generoso, pelo seu Filho, tinha feito dos cristãos

uma nação de escolhidos e da hierarquia eclesiástica uma construção apostólica e divina.

Deus e Cristo: unidade inseparável

Fundamentando-se na união inseparável de Deus e Jesus Cristo, São Clemente Romano afirmava aos coríntios que tudo o que vem aos homens por parte de Deus, vem por meio de Cristo. O amor de Deus pelos homens é garantido pelo Filho, que também por amor entregou sua vida em sacrifício. Era a esse Deus que, segundo São Clemente Romano, se deveria levantar as mãos com fervorosa e piedosa confiança, pedindo pelos cristãos de Corinto, que não estavam em sintonia com Sua vontade. Asseverava ele que, diante da condição de Deus como amo e senhor, soberano absoluto, não cabiam ao homem senão a obediência e a submissão plena ao Seu querer. Por isso, ao longo de sua carta ele enfatizou a necessidade do temor a Deus, da formação para o respeito à Sua vontade, aos Seus preceitos, ordenações e justificações. Em suas orientações, ofereceu uma visão austera de Deus, apresentando-O como um senhor que manda, devendo ser temido e obedecido.

No entanto, paralelamente a essa perspectiva de um Deus austero, que exigia temor, próprio do Antigo Testamento, ele apresentou outra concepção: a de um Deus como Pai bondoso, justo, amoroso e complacente para com os seus (RUIZ BUENO, 2002), conforme o espírito e o sentido que seriam propostos futuramente no Novo Testamento. A misericórdia e a bondade divina também se expressavam na criação do universo: Deus se regozijava com a obra da Sua criação, mas, entre todas as coisas criadas, o homem tinha lugar primacial, visto ser a “representação da sua imagem”.

Segundo o contido na Carta de São Clemente Romano, Deus, ao criar o homem, teve por fim colocá-lo em Seu próprio mundo, em Sua própria vida. Além de se manifestarem na obra criadora, a misericórdia e a bondade de Deus continuavam se manifestando nas coisas que criou: Ele não cessava de derramar suas bênçãos sobre elas. A bondade do Pai se manifestava nas promessas feitas ao homem. A paternidade divina colocava-se fundamentalmente na criação e na história da salvação, todavia essa relação paternal-filial entre Deus e o homem se concretizava somente por meio de Cristo (AYÁN CALVO, 1994), o Filho Primogênito, o primeiro na escolha, Aquele que deveria estabelecer o reino divino na terra.

Por meio dessa união íntima - Deus e Cristo, Pai e filho -, São Clemente Romano ensinava aos coríntios que Cristo era o mediador do amor incondicional de

Deus pelos homens, o que se expressava na humildade e na obediência do Filho aos desígnios do Pai, a ponto de se submeter ao sacrifício libertador da cruz. Assim, os cristãos deveriam encaminhar suas vidas pela humildade, pela obediência e pela submissão à vontade de Deus, expressa por Cristo, e aos seus representantes aqui na terra: “Recordando com destaque as palavras do Senhor Jesus, que falou ensinando a modéstia e largueza de alma [...] afiancemo-nos deste mandamento e com essas ordenações a fim de caminharmos obedientes a Suas palavras em espírito de humildade” (*Carta a los coríntios*, XIII, 2-3).

Na exposição clementina observa-se a presença do tema da preexistência de Cristo, já que o autor O apresenta como mestre ao longo das suas argumentações sobre o Antigo Testamento. Em sua estada na terra, segundo a pregação clementina, Cristo é constituído mestre por suas palavras e pelo exemplo de vida. Tal magistério não se configura apenas na virtude de suas palavras e na santidade de sua vida, mas também no fato de que, sendo um reflexo do Pai, de maneira bondosa abre os olhos dos homens para que O conheçam, que se aproximem Dele com humildade, fé e amor (AYÁN CALVO, 1994). Este seria o espírito da Boa-Nova trazida por Cristo, que contemplava um novo tempo para o homem, garantindo-o por meio do sangue derramado no sacrifício da cruz.

A Igreja universal e sua estrutura hierárquica

Da mesma forma que São Clemente Romano não separava Cristo Deus, não o separava da Igreja. Para ele, tanto a Igreja peregrina de Roma quanto a de Corinto e as demais esparsas pelo mundo compunham o corpo de Cristo, eram um prolongamento de sua vida na terra. Seus integrantes, os cristãos, eram chamados à santificação pela bondade divina por meio de Cristo. Por isso, a graça, a união e a paz eram consideradas por ele como o cimento místico que os unia.

Desse modo, definiu a Igreja como forasteira, quer em Roma quer em Corinto; apresentou-a como uma peregrina de Deus, o caminho que leva à eternidade. Por esse motivo, lembrava aos coríntios que essa Igreja, em uma fraternidade universal, era constituída de membros escolhidos e bem-aventurados. Essa fraternidade poderia ser percebida pela ação da Igreja de Roma, representada pelo seu bispo, que a eles se dirigia em nome da fé, da paz, da harmonia e da união que deveria reinar nesse corpo místico de Cristo, ou seja, na Igreja.

Essas incessantes convocações à concórdia e à unidade correspondiam à firme

convicção de que, se a religião cristã pretendia se constituir como uma verdadeira comunidade fraterna e harmônica, era necessário criar uma organização disciplinar rígida, correspondente àquela exigida do cidadão de qualquer Estado constituído. Neste Estado, com base em um espírito partilhado por todos (RUIZ BUENO, 2002), os cidadãos tinham a obrigação de buscar e efetivar um bem extensivo à coletividade, o que requeria de todos e de cada um em particular um comprometimento com a sua sociedade.

Os ensinamentos clementinos, pelo que se entende, não afetavam, pelo menos naquele momento, a pluralidade existente nas Igrejas primitivas locais, o que não quer dizer que elas poderiam desenvolver um cristianismo de caráter particular. A prática de possíveis excessos poderia estar sujeita à desaprovação e, por extensão, a um chamamento público à responsabilidade pelas igrejas irmãs, particularmente por aquela que tinha autoridade espiritual superior e reconhecida pelas demais.

O que se evidencia é que a situação posta em Corinto induzia a uma chamada pública. Tal ação somente poderia partir da Igreja de Roma, que, na esfera cristã, detinha a autoridade e a respeitabilidade exigida pelo momento (JAEGER, 1998). Destarte, a atitude do bispo de Roma de ir a encontro da distante Igreja de Corinto por meio de uma carta de estilo exortativo evidencia que sua autoridade já era aceita (FOLCH GOMES, 1973), embora não na categoria de papa. Em Roma, nesse período, não havia episcopado monástico, mas direção colegiada de presbíteros/episcopos (as listas de sucessão episcopal conhecidas por Santo Hegésipo (110-180) e Santo Irineu foram uma criação do século II) (MORESCHINI; NORELLI, 1996).

Foi revestido dessa autoridade que o bispo Clemente exortou os coríntios a desenvolver a obra da santidade (*Carta a los coríntios*, XXX, 1), pois, para ele, somente com esse propósito a Igreja seria verdadeiramente a congregação dos santos, o verdadeiro rebanho de Deus: “Conheçam todas as nações que Tu és o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo seu servo, e nós teu povo e ovelhas do teu rebanho” (*Carta a los coríntios*, LIX, 4). Como pastor e mestre, convidou os coríntios a tomar em suas mãos a carta de Paulo de Tarso (*Carta a los coríntios*, XLVII, 1) e assimilar a profunda concepção de Igreja por ele elaborada, qual seja, a da Igreja como o corpo místico de Cristo (RUIZ BUENO, 2002). Conceito que tinha sido estabelecido por Paulo de Tarso aos mesmos coríntios em décadas anteriores, também em dissidência interna, para exortá-los a estabelecer a harmonia e a união entre si.

Em sua carta, São Clemente Romano utilizou uma hipotética luta entre as

distintas partes do corpo, as quais, tendo se negado a cumprir com suas funções especiais no organismo, viram-se obrigadas a reconhecer que eram partes de um corpo único e somente como tal poderiam existir (JAEGER, 1998). “Tomemos o exemplo de nosso corpo. A cabeça sem os pés não é nada. E os pés sem a cabeça também não são nada. Agora bem, os menores membros de nosso corpo são necessários e úteis para o conjunto, e tudo conspira e trabalha para salvar o corpo inteiro” (*Carta a los coríntios*, XXXVII,5).

A utilização desse gênero didático teve por fim reforçar a noção de unidade e a necessidade da subordinação dos fiéis à hierarquia legitimamente constituída da Igreja, conforme exemplificou. O que evidencia é a importância da colaboração e da harmonia entre aqueles que têm maior ou menor expressão, pois um não pode existir sem o outro; pequenos e grandes em união, paz e harmonia promovem o funcionamento ideal de um corpo, seja este o biológico, seja o social, no caso dos cristãos, seja o espiritual, no caso da Igreja. No sentido de enfatizar os resultados maléficos que a discórdia trazia para o seio da Igreja de Corinto, São Clemente fazia outra evocação aos ensinamentos do Apóstolo: “Por que separamos e desprezamos os membros de Cristo? E desmembramos nosso próprio corpo? A tal ponto chegamos de insensatez, que nos esquecemos de que somos membros um dos outros” (*Carta a los coríntios*, XLVI, 7).

Assim, essa Igreja, apesar de peregrina, tinha por constituição e instrução apostólica um sistema hierárquico ao qual os cristãos deveriam se submeter e obedecer. Aqui se encontra o ponto modal e nuclear dos escritos clementinos aos coríntios, separados por discordâncias internas promovidas, conforme já mencionado, por jovens que haviam deposto os anciãos, seus líderes, em desrespeito à hierarquia daquela Igreja.

Bem-aventurados são os anciões que nos adiantaram na viagem a eternidade, pois tiveram um término frutífero e perfeito, pois já não tem porque temer que os afastem do posto que lhes foi assegurado. E eis que vemos como vós haveis transladado ou deposto alguns de excelente conduta do ministério por eles irrepreensivelmente desempenhado (*Carta a los coríntios*, XLIV,6).

Na visão clementina, esse movimento contra a hierarquia teria resultados maléficos para a vida espiritual daquela comunidade.

Desse modo se levantaram os sem honra contra os honrados, os sem glória contra os gloriosos, os insensatos contra os prudentes, os jovens contra os anciãos. Por isso, retirou-se de dentre vós a justiça e a paz, por haver cada um abandonado o temor de Deus e haver-se debilitado a vista da fé Nele e no caminhar segundo as ordenações de seus mandamentos e no comportar-se de modo que é conveniente a Cristo,

senão que cada um tomou o caminho dos desejos de seu coração perverso, levando consigo injustiça, inveja ímpia, pelas quais a própria morte adentra no mundo (*Carta a los coríntios*, III, 3-4).

Nessa perspectiva, expressava uma certeza: a separação entre os cristãos da comunidade de Corinto era resultado de sentimentos soberbos, arrogantes, vaidosos, de pessoas — geralmente jovens — não vinculadas a Cristo, as quais, ao invés de servir à comunidade humildemente, atacavam-na (*Carta a los coríntios*, XVI, 1), acarretando a desunião, a desagregação e a desarmonia entre irmãos (RUIZ BUENO, 2002). Afirmava que tal postura já era condenada por Paulo de Tarso como imprópria de membros do corpo místico da Igreja.

Assim, em sua exortação, o exercício do ministério originara-se com os apóstolos, os quais, por sua vez, o tinham estabelecido com base em orientações recebidas do próprio Cristo. Por isso, não cabia à comunidade o direito e/ou o poder de despojar do cargo os ministros, pois não estava nela a origem desse ministério (AYÁN CALVO, 1994) e sim, de acordo com sua lavra, nas instâncias apostólicas.

Não é por outro motivo que a forma paternal e pastoral de tratar a comunidade cristã de Corinto ganhou outro direcionamento quando se referiu àqueles que introduziram a desarmonia e a separação entre os pastores e seu rebanho. Condenava-os como homens “insensatos e néscios” (RUIZ BUENO, 2002), que não se preocupavam em promover a desobediência e a discórdia.

Para resolver o problema criado por esses rebeldes e, assim, restabelecer a paz e a união, São Clemente sugeriu uma alternativa: que os responsáveis deixassem a cidade e, assim, conquistassem grande glória em Cristo. Comportando-se como verdadeiros cidadãos de Deus, conforme se esperava de todo o cristão comprometido com a causa de Cristo, com a obediência a Sua autoridade e a de Seus representantes legitimamente escolhidos, mereceriam ser bem acolhidos em toda parte (MORESCHINI; NORELLI, 1996). Como não poderia ser diferente, os nomes dos apóstolos Pedro e Paulo eram apresentados como modelos ideais de obediência a Cristo em favor de Sua Igreja, embora o autor também não deixasse dúvidas de que o modelo supremo e de excelência de submissão era o próprio Cristo (JAEGER, 1998), que teria entregado sua vida ao sacrifício da cruz por obediência ao Pai. São Clemente foi incisivo em afirmar que obedecer à hierarquia correspondia a obedecer a Deus, enquanto a desobediência, a rebeldia, a desunião e a desarmonia eram condições mais que suficientes para se distanciar de Deus, o Bem Maior, o Pai generoso a quem todos devem respeito e

submissão.

Justo é, Irmãos, que sejamos santos e obedientes a Deus, que não sigamos uma liderança que promova uma inveja abominável, nascida da soberba e da desordem. Porque acarretaremos para nós danos e correremos graves perigos, é temerário nos entregarmos aos caprichos de uns homens que não olham para o bom caminho, senão para o da contenda e do bandeamento, com o fim de nos apartarmos do que está bem (*Carta a los coríntios*, XIV, 2).

A subordinação dos membros da Igreja à hierarquia legitimamente constituída era, para São Clemente Romano, extremamente necessária, assim como o seria em um exército, cujo êxito nas batalhas somente seria alcançado com disciplina e respeito à hierarquia. Ele não teve nenhuma restrição em evocar a disciplina das legiões romanas (RUIZ BUENO, 2002) como exemplo a ser seguido no interior da comunidade cristã. Ele não se restringia à organização militar; também o mundo e o universo configuravam-se como um corpo militar perfeitamente ordenado, o que se poderia contemplar na órbita dos astros, no passar das estações, no brotar das sementes, na sucessão dia-noite (FRANGIOTTI, 1995). Tudo isso era expressão da ordem e da harmonia da criação estabelecida pela vontade Divina e que o cristão deveria buscar como exemplo para sua vida, com o respeito à vontade de Deus expressa nas palavras e nos ensinamentos de seus representantes. O próprio universo, o mundo e o Estado “pagão” davam exemplos da possibilidade e da validade dessa ordem:

Militemos, Irmãos, com todo o fervor sob as ordenações do Senhor. Consideremos aqueles que militam sob a autoridade de nossos príncipes. Com que disciplina, com que obediência, com que submissão cumprem aquilo que lhes é ordenado. Nem todos são perfeitos, nem tribunos, nem centuriões [...] que cada qual execute aquilo que ordena seu imperador e seus generais (*Carta a los coríntios*, XXXVII, 1-3).

Pode-se inferir que, para São Clemente Romano, seria necessário organizar no interior da Igreja o que ele entendia como um ideal de *ordo Christianus*: cada membro, de acordo com suas condições e possibilidades, cooperaria com sua comunidade e, num âmbito maior, com a Igreja Universal. Nessa organização, cada um, de acordo com seus dons, teria uma função própria; por exemplo, a do sumo sacerdote e seus serviços, a dos sacerdotes, a dos levitas e diáconos e a dos laicos. Na prática de suas funções, cada qual deveria se ater ao que lhe fosse determinado e contentar-se com isso, preocupando-se em evitar possíveis excessos, para garantir a harmonia e a união que deveria reinar no seio da Igreja (JAEGER, 1998), pois a humildade, a obediência e a submissão às

autoridades constituídas era um dever do cristão.

O modo como o autor se referia à necessidade de união na comunidade cristã de Corinto também se tornava significativo para a própria jurisdição eclesiástica, ou seja, para o entendimento da sucessão apostólica e da necessidade de hierarquização dos componentes da comunidade cristã (FRANGIOTTI, 1995). Com base em seus ensinamentos, a Igreja tivera como fundadores e iniciadores do processo hierarquizador os próprios apóstolos, principalmente, Pedro e Paulo, e era isso que lhe garantia a condição de única e apostólica, de corpo místico de Cristo. Tais colunas davam, e continuam dando, verdadeiramente suporte ao trono apostólico (ROPS, 1988); com base nelas os representantes e líderes da Igreja têm o direito de falar em nome da Igreja de Cristo, com a certeza de serem respeitados e preservados em seus respectivos ensinamentos e cargos.

Na perspectiva cristológica, a *Carta aos coríntios* põe à luz a fé na divindade de Cristo, bem como em sua função de mediador e coloca no centro da teologia a redenção possibilitada por meio de seu sangue. Para os ensinamentos clementinos, Cristo é o protetor e o socorro da condição humana em sua debilidade e fraqueza, facultando ao homem contemplar os céus e identificar sua majestosa semelhança com Deus. Por meio Dele, o Filho amado, Deus Pai escolheu o cristão como seu povo; por amor a Ele, tem os homens como iguais, planifica dons, piedade e paz; também por meio Dele, promove a unidade entre seus eleitos (FRANGIOTTI, 1995). A nação por estes formada deve buscar a santificação, por meio Dele e por Ele, o Salvador, Aquele que por amor entregou a sua vida ao sacrifício, para a glória do Pai e redenção da humanidade. No entanto, não proclama a obediência e a submissão apenas no seio da Igreja, da hierarquia cristã, mas também aos príncipes e governantes. Para que estes exercessem a autoridade e o poder que receberam de Deus (BLÁZQUEZ, 1996), precisavam de saúde, paz, concórdia e constância. Este exemplo é mostrado no capítulo LXI, nas partes finais de sua carta, quando procede a uma “prece aos governantes”.

Rigorosamente, para ele, o cristão devia fidelidade ao Estado e a seus governantes, mesmo que estes assumissem a condição de perseguidores (LIÉBAERT, 2004), como acontecera com os cristãos. Ninguém melhor do que o bispo Clemente sabia o que isso representava, pois fora personagem e testemunha ocular do espetáculo de horror e sangue promovido por Nero e Domiciano.

Considerações finais

Do exposto, conclui-se que São Clemente Romano colocava-se como um defensor da ordem, da disciplina, da união, da harmonia, da hierarquia e da firmeza no cumprimento do dever para com sua Igreja, seus líderes e sua comunidade. Assim, de sua parte, confirmava a Igreja de Roma no papel de mãe, mestra e guia dessa fraternidade universal em que se constituía o cristianismo.

Os aportes teológicos propostos em sua *Carta aos coríntios* alavancam suas exortações, quer as de caráter religioso quer as de caráter moral, por meio das quais ele pretendia chegar à sensibilização e à chamada à responsabilidade cristã dos coríntios no quadro de dissidência e desarmonia que se tinha instaurado, quadro esse que, de seu ponto de vista, contrariava o magistério de Cristo.

O que estava em pauta não era a fé dos coríntios, mas o fato de essa cidade ter sido afetada por interesses alheios aos ensinamentos cristãos e vinculados a interesses puramente humanos. No entanto, fica evidente também que sua finalidade era o reavivamento da fé dos coríntios, a qual, por motivos estranhos, debilitava-se, mostrando que era necessária a retomada das virtudes cristãs naquela comunidade.

Tendo como orientadores gerais o equilíbrio e a serenidade própria do espírito prático romano e a fé e a crença “em Cristo”, que lhe é candente, São Clemente Romano, no exercício de seu magistério pastoral, convocou a comunidade cristã de Corinto a retomar a concórdia, a paz, a harmonia, a união e a obediência, virtudes necessárias à prática cristã e exigidas daqueles que, em assembléia, constituíam o corpo místico de Cristo.

Referências

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida obra e doutrina dos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988.

AYÁN CALVO, Juan José. Introducción. In: *Carta a los coríntios*. - Homília anónima (Secunda Clementes). Fuentes patrísticas 4. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1994.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María. *El nacimiento del cristianismo*. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

CESARÉIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

CLEMENTE DE ROMA. *Carta a los coríntios*. - Homília anónima (Secunda Clementes). Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1994.

FOLCH GOMES, Cirilo. *Antologia dos santos padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

FRANGIOTTI, Roque. Introdução. In: *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, 2002.

HERMAS. *El pastor de Hermas*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1995.

IRINEU, Santo. *Adversus haereses*. In: *New advent.org*, 2011.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia griega*. México: FCE, 1998.

JEROME, Saint. *Adversus Iovinianum*. Centre Traditio Litterarum Occidentalium: Turnhout Brepols Publishers, 2010.

JERÔNIMO, São. *De viris illustribus*. Disponível em: http://khazarzar.skeptik.net/books/hieronym/viris_1.htm). Acesso em 15/02/2012.

LEITE, Francisco Benedito; REIS, Eduardo José dos. Reconhecimentos: uma análise narrativa. *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas: 7ª ed, vol.6, nº 01 – jul/2011.

LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da Igreja*. Séculos I-IV. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. De Paulo a Era Constantina. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA MELO, José Joaquim. A educação paleo-cristã. *Revista Teoria e Prática da Educação*. Maringá: 4. (9): 97-109, set./2001.

ROPS, Daniel. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

RUIZ BUENO, Daniel. *Padres apostólicos y apologistas griegos*. (S.II). Madrid: BAC, 2002.

SUETONIO. *La vida de los doce cesares*. Madrid: Editorial Gredos, 2002.

RECEBIDO EM 18/02/12

APROVADO EM 20/05/12